

AS RELAÇÕES ENTRE TEXTO, DISCURSO E GÊNERO: UMA ANÁLISE ILUSTRATIVA

Adail Ubirajara Sobral
(Universidade Metodista de Piracicaba)
adail.sobral@gmail.com

RESUMO: Este artigo pretende ilustrar algumas relações relevantes entre texto, discurso e gênero, a partir da aplicação da proposta de análise desenvolvida na tese de doutorado do autor, fundada no pensamento bakhtiniano, à capa de um livro de auto-ajuda (que na tese foi estudada ao lado de 3 outras), a fim de arrolar alguns elementos, para demonstrar que esses conceitos estão constitutiva e inseparavelmente ligados na teoria de gênero bakhtiniana.

PALAVRAS-CHAVE: Texto, discurso, gênero; capas de livros - análise

ABSTRACT: *This article aims to exemplify some relevant relationships linking text, discourse and genre by applying the proposal for analysis developed in the author's doctorate thesis, based on Bakhtinian thinking, to the cover of a self-help book (which in the thesis was examined with other 3) in order to gather some data for showing that these concepts are constitutively and inseparably linked in Bakhtin's genre theory.*

KEYWORDS: *Text, discourse, genre; book covers - analysis*

Introdução

Para ilustrar algumas relações relevantes entre texto, discurso e gênero, aplico, neste artigo, a proposta de análise desenvolvida em minha tese de doutorado (Sobral, 2006), fundada no pensamento bakhtiniano, à capa de um livro de auto-ajuda (que na tese foi estudada ao lado de 3 outras), a fim de dar algumas indicações da maneira como esses conceitos estão constitutiva e inseparavelmente ligados na teoria de gênero bakhtiniana.

Postulo que sua exploração mediante uma análise pode contribuir para esclarecer alguns "pontos cegos" da noção de gênero tal como entendida em suas apropriações "textualizantes".

Parto da idéia de que o texto (qualquer que seja sua materialidade – som, imagem, sinais etc.), entendido como unidade lingüístico-composicional, e o discurso, entendido como processo de mobilização de textos para a realização de projetos enunciativos (nos termos dos propósitos arquitetônicos do gênero e do locutor e da

apropriação desses últimos pelo locutor) (Sobral, op.cit.), criam uma intrincada rede conceitual, em vez de restringir-se a um ou a outro aspecto.

Tal rede tem implicações tão revolucionárias que talvez se possa dizer que o texto é, ao mesmo tempo, o aspecto mais importante e o menos importante da criação de sentidos: o mais importante porque, sem sua materialidade, não pode haver produção de sentidos; o menos importante porque, tomado isoladamente, apresenta potenciais de significação que somente quando são mobilizados pelo discurso, no âmbito do gênero, criam sentido.

Nesses termos, postulo que o tão necessário "mesmo" do texto é apropriado na criação dos "outros" do discurso, mostrando que só há sentido no texto tomado em suas situações de produção, de circulação e de recepção, fora das quais o texto, nos termos aqui entendidos, não tem salvação.

Assim, o texto traz potenciais de sentidos, realizados apenas na produção do discurso; o discurso vem de alguém e dirige-se a alguém (ou seja, é "endereçado"), o que modula sua arquitetônica, e traz em si um tom avaliativo, ao mesmo tempo em que remete a uma compreensão responsiva ativa da parte do seu interlocutor típico – nos termos do gênero no qual se insere.

A partir de elementos como os aqui analisados, propus o conceito de "intergenericidade", ou relação de interconstituição entre gêneros e esferas, vinculado com o de "parasitarismo" dos gêneros em sua fase de formação, com respeito aos gêneros com os quais entram em contato, em termos de conflito e de incorporação.

Nesse sentido, o texto é um objeto material tomado como o texto produzido por um dado sujeito situado, ou seja, tomado como discurso, uma manifestação verbal de alguém em um dado contexto *cujas marcas estão no próprio texto(!)*, mas que remete ao gênero a partir do qual o discurso o mobilizou.

1 Descrição, análise, interpretação: os passos da análise

Seguirei na análise a proposta apresentada em Sobral (2006), bem como os princípios ali desenvolvidos com vistas a propor uma metodologia de análise de gêneros do ponto de vista enunciativo.

Com base nesse objetivo prático, não vou me deter na descrição das bases da teoria bakhtiniana nem em suas propostas acerca do gênero, que desenvolvi amplamente na referida tese, que faz uma leitura de todas as obras sobre gênero do Círculo de Bakhtin publicadas até a data de término da tese. Em vez disso, concentro-me nisso na descrição da proposta de análise.

Antes de tudo, apresento uma breve descrição da proposta de análise de discurso do ponto de vista do gênero (Sobral, op.cit). Como não há uma metodologia consolidada de análise do gênero ou uma

proposta que enfatize, como pretendi fazer, o aspecto arquitetônico de construção do discurso, fiz uma aventura metodológica destinada a propor princípios metodológicos de estudo do gênero que não o reduza ao texto ou ao discurso *per se*, nem considere que o gênero é simplesmente pressuposto, *mas os englobe do ponto de vista do gênero*.

O texto exhibe indícios (ou marcas) de gênero de modo imediato, mas não de maneira transparente, e a discursividade é assim uma mediação constitutiva entre gênero e texto, ou seja, o discurso é mobilizado pelo gênero e mobiliza o texto.

No caso de meu objeto original, eu dispunha de 4 livros designados por uma coletividade de leitores, editores, meios de comunicação etc., como “livros de auto-ajuda”, mas essa designação nada me diz do gênero desses livros, indicando no máximo que eles propõem ou se enquadram em algo chamado por essa coletividade de “auto-ajuda”.

Ao verificar que havia uma variedade de livros assim designados, busquei determinar o que há de comum entre eles, em vez de considerar todos os textos assim designados membros de um gênero chamado “auto-ajuda”. Uma pergunta que me ocorreu foi, por conseguinte, “o que se designa por auto-ajuda”? A pesquisa mostrou-me que havia vários sentidos de “auto-ajuda”, não somente nos livros assim designados, mas também e principalmente na esfera de atividades desses livros.

Para verificar de que gênero se tratava, precisei considerar o tema, as formas de composição e o estilo (de gênero e de autor) de cada livro, como de costume. Entretanto, isso foi feito nos termos do(s) projeto(s) arquitetônico(s) nele identificáveis, advindos do trabalho autoral (e os editores e redatores de casas publicadoras são parte desse trabalho autoral), bem como de sua unidade temática de gênero e de sua discursividade no âmbito de sua esfera.

Propus então uma análise que se desenvolve em 3 etapas e recorre a 3 procedimentos. Essas etapas e procedimentos foram seguidos no levantamento das macro-marcas de gênero na ordem em que foram apresentados. Contudo, a análise resultante tal como proposta na tese não os apresentou passo a passo, dado o grande volume do corpus.

Os procedimentos propostos foram:

1. Análise qualitativa de elementos que permitam caracterizar os textos estudados como gênero, e revelar suas especificidades como gênero em termos da esfera de produção, circulação e recepção;
2. Análise das estratégias de inter-auto-formação genérica dos textos estudados;

3. Análise dos modos específicos de criação nesse gênero da interação locutor-interlocutor, como forma de auto-atribuição de competência enunciativa pelo autor objetivado;
4. Análise dos modos específicos de indução do interlocutor pelo locutor a aceitar, visando à alteração da identidade e da ação do sujeito no mundo, levando em conta as noções de inacabamento do sujeito e de discurso programador, entre outras.

Como se pode perceber, designo por “procedimentos” os elementos que constituem a abordagem macro-analítica do estudo, entendendo por “etapas”, ou “níveis”, os elementos que constituem a abordagem micro-analítica.

Os *procedimentos* visam a demarcar o objeto do ponto de vista de sua inserção sócio-histórica. As *etapas* ou *níveis*, que são parte de cada um dos procedimentos, constituem um dispositivo analítico voltado para explicar os mecanismos de construção dos sentidos dos discursos. Assim, cada um dos procedimentos segue as etapas, ou níveis, em seu respectivo âmbito.

Por outro lado, como pretendo evitar a impressão de que sugiro uma aplicação mecânica desses procedimentos e etapas, ou níveis, descrevo o que chamei de “momento de ‘pré-análise’”, momento de seleção do *corpus*. Isso foi feito para acentuar que, se todo objeto de pesquisa exhibe características comuns com outros objetos de pesquisa em um dado campo de estudos, cada situação de estudo e cada objeto requer adaptações dos recursos de estudo usados.

As etapas ou níveis de análise (ou a “micro-análise”) formam a seqüência descrição - análise – interpretação: a descrição “apresenta” o corpus a partir de sua inserção geral na esfera de atividades; a análise examina a estruturação do discurso e a interpretação reúne as duas anteriores, ao interpretar suas estratégias de produção de sentidos e os sentidos produzidos nos termos da esfera de atividades e da análise do texto.

Não postulo, naturalmente, uma seqüência mecânica, mas um conjunto de parâmetros para o melhor aproveitamento dos instrumentos de análise, nos termos daquilo que o objeto a ser analisado requer.

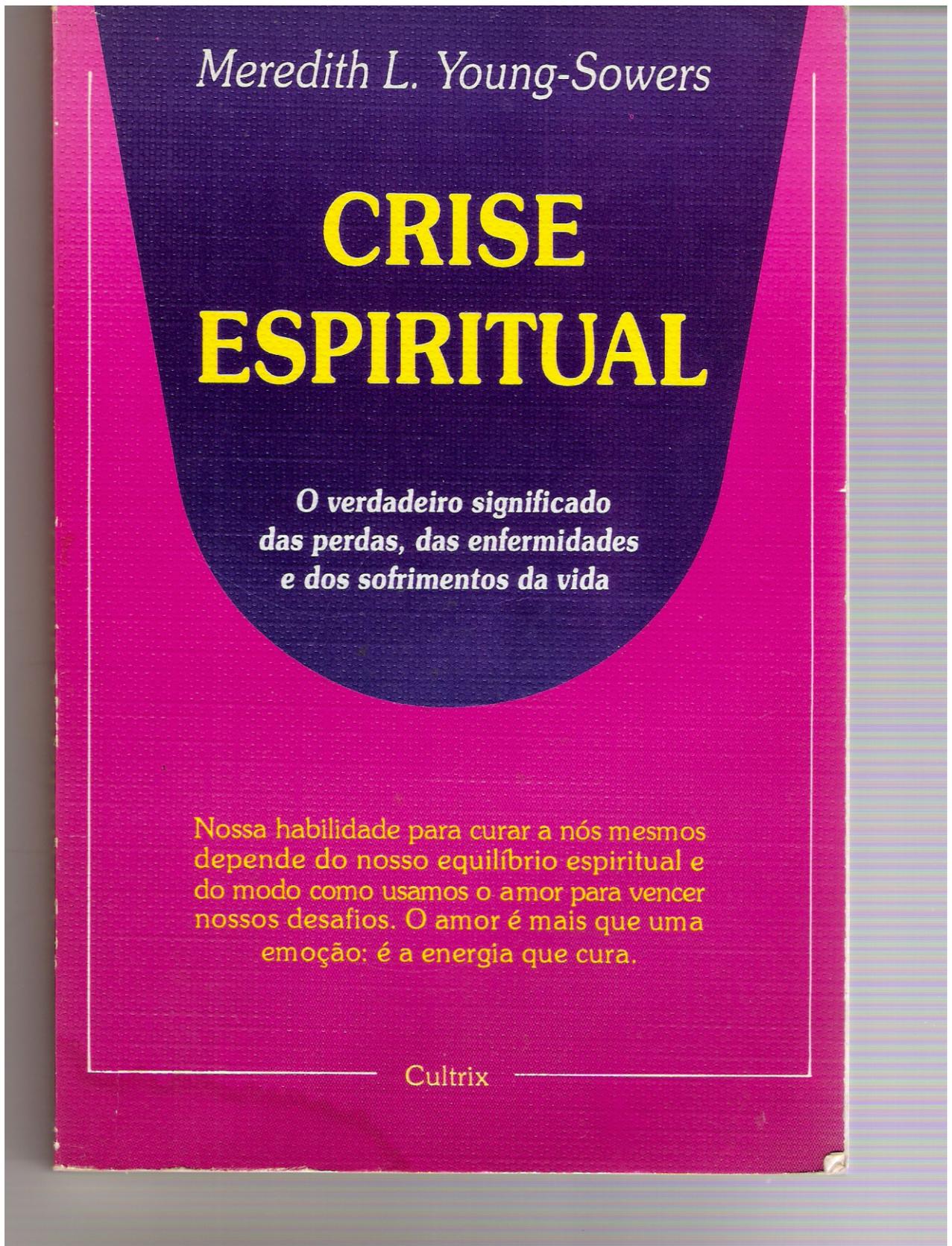
Ou seja, parte-se do objeto e busca-se seguir uma seqüência lógica de análise que vai da materialidade do texto à discursividade e genericidade e a ele retorna, reunindo na etapa de interpretação elementos textuais, da ordem do discurso e do gênero em sua inserção social e histórica.

2. Análise da capa de *Crise Espiritual*

Crise Espiritual, livro traduzido do inglês (título original: *Spiritual Crisis – What’s Really Behind Loss, Disease and Life’s Major Hurts*), é

pouco maior que um livro de bolso: 14 centímetros de largura por 21 de altura – um tamanho médio na esfera editorial. A capa tem um fundo de cor púrpura, a que se sobrepõe uma forma de cor azul escura, quase roxa, um tanto ovalada.

Essa começa no alto da capa e ocupa quase todo seu espaço. Contém o nome da autora (caixa alta e baixa em itálico, na cor branca) – *Meredith L. Young-Sowers* –, o título do livro, em grandes letras amarelas maiúsculas – **CRISE ESPIRITUAL** – e o subtítulo (caixa alta e baixa, letras centralizadas quase na base da forma alongada azul-roxa, em três linhas, letras brancas menores). O nome da editora vem a seguir, em letras, amarelas, minúsculas, com exceção da inicial “C”, de “Cultrix”:



Temos então uma capa com cores do mesmo campo cromático. Há na parte púrpura, ao redor do local em que se acham os trechos de

texto – que estão centralizados –, uma moldura fina de cor branca, com o lado superior aberto; na parte inferior, ela traz um corte, no centro, onde se encontra o nome da editora, que ocupa as partes inferior, esquerda e direita da capa, no interior do fundo púrpura.

Alguns centímetros abaixo da parte azul-roxa, centralizado, em letras amarelas minúsculas, aparece um texto de cinco linhas, quatro de comprimento simétrico e a quinta centralizada em relação a essas últimas.

A capa mostra, em seqüência descendente, o nome da autora, em itálico, e na cor branca; o título, em letras cerca de cinco vezes maiores que as dos outros segmentos textuais, e em amarelo – “crise” está sobre “espiritual”, o subtítulo, em branco e itálico, compõe-se de três linhas dispostas em simetria.

Os vários componentes ocupam o **centro** da página e o foco da visão, o que é parte da cenografia cristalizada de capas de livros. Essa cenografia apresenta como elementos *fixos* o nome do autor, de modo geral na parte superior da capa, o título do livro, e o nome da editora na parte inferior. O trecho na parte inferior parece constituir algo como um segmento-síntese do livro como um todo.

O subtítulo e os eventuais trechos descritivos do livro ou transcritos desse são, na prática brasileira, opcionais, mesmo quando o livro traduzido traz um subtítulo. Quando há subtítulo, como é nosso caso, esse forma com o título, por definição, uma unidade.

Dizer “por definição” significa indicar que um subtítulo é um segmento opcional que complementa um título (este sim obrigatório), e só há subtítulo, obviamente, porque há título; uma vez presente, o subtítulo está indissolivelmente associado ao título, e precisa ser analisado em conjunto com ele.

A capa nos apresenta, em um primeiro nível, a questão das cores, um fundo de cor púrpura a que poderíamos acrescentar, analisando, o adjetivo “cardinalícia”, algo que a literatura mística associa à religião – bispos, cardeais, sacerdotes em geral –, ou ao mistério (a indistinção do púrpura); à cor púrpura é acrescentada à cor azul-roxa da forma ovalada.

Essa nuance cromática parece intensificar o sentido “religioso” abrangente, espelhado em nosso material de análise. Quanto à forma do “desenho” que o azul-roxo forma, ele lembra um recipiente com a boca voltada para cima, o que remete, por um lado, à tradição do Graal e, por outro, à alquimia, em que os elementos químicos são misturados num cadinho. É útil ressaltar que a alusão cromática a textos esotéricos etc., da edição em português, associa-se igualmente ao fato de a casa editorial Pensamento publicar livros esotéricos há vários anos.

A análise revela múltiplas significâncias: em um primeiro momento, vemos na presença da cor púrpura cardinalícia uma primeira interpelação enunciativa ao público a que se dirige o livro e, portanto, uma indicação da “esfera”: só “conhecedores” poderiam identificar a

alusão ao religioso e ao misterioso efetuado por essa cor, dado sua indistinção.

Destaquemos esse primeiro recorte relativo ao “auditório”, ao “interlocutor”, produtor de sentido. O texto em letras amarelas na parte inferior da capa, como observamos, é apresentado com uma inversão dos períodos que o compõem na contracapa, criando outros efeitos de sentido: na contracapa, ao contrário da capa, esse trecho traz o período “O amor... cura” antes do outro período (“Nossa... desafios”).

Verifica-se na capa uma estrutura textual verbo-visual que parece voltada para refutar por antecipação, de modo reforçado no segmento final, mas desde o subtítulo, eventuais restrições (e as há!) feitas à proposta básica do livro desde o contato inicial do interlocutor com a capa – o que delimita a posição discursiva do texto. A capa dirige-se a partir desses elementos a um dado segmento do público (sensível a esse apelo), o que constitui uma “macro-marca” de gênero, ou seja, um dos elementos que definem, no texto, o gênero.

O título apresenta um estado presumido como negativo – “crise” –, modulado pelo atributo “espiritual”, o que cria o âmbito de uma crise específica, e não de qualquer crise. À guisa de explicação do “diagnóstico” feito, vem o segmento formado pelo subtítulo, no qual se destaca a modulação do seu principal elemento, “significado”, pelo atributo “verdadeiro”, e que incide sobre outros elementos negativos mais definidos do que “crise”: perdas, enfermidades, sofrimentos.

Esses elementos são apresentados, por meio de “da vida”, como típicos, comuns, corriqueiros. Vemos no subtítulo o primeiro movimento de uma refutação de objeções: se eventualmente discorda do diagnóstico – a existência de uma “crise” de cunho “espiritual” e não de outra natureza –, o interlocutor o faz, pelo que o texto permite dizer, porque não conhece o “verdadeiro” significado dos “sintomas”. Então, presume-se que, se eles tiverem mais de um significado, só o apresentado pelo locutor será verdadeiro. Os “sintomas” da “crise” são apresentados no trecho-síntese, que é uma explicação dada pela “autoridade”, ou seja, o locutor.

A proposição do “amor” como “energia de cura”, tendo em vista a concepção típica do amor no mundo ocidental, propõe uma entoação avaliativa específica que requer explicação, defesa etc., não do ponto de vista do texto, mas do discurso e do gênero, o que está centrado no tipo de relação interlocutiva proposta: o locutor busca criar a imagem de alguém capaz de transmitir um saber e uma competência, a autocura, a partir de determinados elementos e procedimentos.

A *unidade temática* do gênero de auto-ajuda pertencente ao livro, que gira em torno do valor “autocura”, está vinculada ao *tópico* “o amor como energia de cura”, algo que se opõe a um dado presumido (relativo ao amor e à cura, e, ademais, à sua junção nos termos desse discurso), e requer o uso de uma expressão compatível, no caso “Crise Espiritual”, para dar sentido a essa proposta. Vemos aí a ligação do

título com o livro como um todo. O “valor” desse título é explicado por um dado segmento textual, no caso, “O verdadeiro significado das perdas, das enfermidades e dos sofrimentos da vida”.

O que se pode entender por “verdadeiro significado”? Essa expressão redefine a “causa” das perdas, das enfermidades e dos sofrimentos da vida, o que leva o discurso a opor-se a outras valorações desses elementos.

Nesse sentido, o trecho adicional, um recurso de alguns livros que é parte opcional da cenografia típica das capas, favorece essa oposição: ele apresenta os elementos básicos que sustentam a proposta temática, a autocura, nos termos específicos do tópico do livro, cuja discursivização é mobilizada pelo gênero, o que determina a escolha de uma dada textualização.

No segmento complementar, há o pressuposto de um “nós” inclusivo, que supõe o leitor como alguém que pode curar a si mesmo, associado ao implícito /precisamos de cura (porque) estamos em crise espiritual/ e que retoma os referidos “sintomas”.

Isso reforça a evocação denegada (recusada sem ser afirmada) do discurso médico em geral (cura) e do discurso da religião (cura espiritual), indicando que o livro pretende propor uma terapia, um remédio, cuja natureza não é a mesma dos remédios da medicina, dado ser de cunho espiritual, mas que também não é religioso.

Vemos que, em um só movimento, busca-se redefinir os presumidos sobre o amor, a doença, a cura e sobre a espiritualidade e os benefícios em sua vertente religiosa, a fim de propor uma nova avaliação de tudo isso. Não há menção explícita à medicina nem à religião, mas, para ficar em um indício, “verdadeiro”, modificando “significado”, serve para sugerir que o diagnóstico e a prescrição médicos e religiosos são falsos.

Fica evidenciado que a competência cuja obtenção é apresentada como meta do interlocutor por meio do livro é concebida como algo que (apesar do “nós” inclusivo) só será transmitido integralmente ao sujeito que passar pelas “provas” apresentadas pelo locutor como necessárias.

O locutor propõe-se como doador dessa competência, e propõe ao interlocutor uma modificação de condição, a passagem de alguém potencialmente capaz de exercer essa habilidade a alguém que de fato a exerce. Dado a caráter polêmico da capa em termos discursivos, é reforçada a seguinte idéia, por assim dizer: “junte-se a nós, e, portanto, afaste-se deles” (seja lá quem for).

O interlocutor é “preparado” para a proposição de um novo valor, sobreposto àquele que é objeto de uma concessão (amor como emoção), e que é vital para a proposição desse segundo sentido (“amor” como “a energia da cura”, isto é, “mais do que uma emoção”).

O locutor adiciona ao sentido do senso comum de “amor” um novo atributo: o valor para o qual convergem todos os segmentos precedentes, e que vai nortear igualmente o desenrolar do livro. Logo,

a medicina parece receber uma sutil contestação: a “doença” é concebida em termos não corporais e não psíquicos.

Essa contestação não é clara, mas “oblíqua”, provavelmente devido à dificuldade de contestar em nossos dias o caráter científico da medicina, além da necessidade de evitar a aplicação de leis como as que proíbem o abuso da fé. Não obstante, ainda é a autocura que o livro propõe.

Através desse novo “amor”, o interlocutor vai se constituir em agente, mas deve antes passar por uma transformação da compreensão x das coisas à compreensão y – *mas só se aceitar o contrato proposto*, mediante um determinado agir.

Dessa aceitação inicial parece depender todo o resto – a leitura, a adesão, a transformação: se for qualificado e obtiver êxito ao matar o dragão, o príncipe receberá a mão da princesa. Vemos aqui um dos momentos de preparação de um percurso a ser realizado pelo interlocutor na leitura do livro como um todo, mas já realizado pelos elementos examinados na capa.

Isso, a meu ver, demonstra que uma capa de livro só poderia ser analisada *per se* como forma de composição, e não como gênero discursivo, uma vez que é capa *de* um livro, sendo, portanto, um dos componentes desse. Nesse sentido, exploro em breves linhas a seguir o estatuto da capa analisada com relação ao livro de que é capa.

3. A capa, um “cartão de visitas” do livro?

O livro é assim apresentado na capa como teórico-prático, “alternativamente” institucionalizado, que busca fornecer uma receita x a ser seguida para a obtenção de um resultado y. Há a proposição ao leitor de um contrato em termos de ser e de fazer ser, implicado no próprio atributo de “auto-ajuda”, com que se caracterizam esse tipo de livro. Propor ao leitor que ajude a si mesmo pressupõe um duplo movimento: negar obliquamente a “hetero-ajuda” oferecida por outras propostas e qualificar o leitor para ser um agente de “hetero-ajuda”.

Logo, contesta-se indiretamente um dado modelo de “hetero-ajuda”, seja ela médica, psicológica/psicanalítica ou religiosa institucional, mas não a ação dela decorrente; desqualificam-se sutilmente os praticantes desses outros tipos de hetero-ajuda e procura-se dar à proposta do livro o fundamento advindo de uma redefinição de /amor/, tão marcado por tantas tradições.

Vemos então uma cuidadosíssima “construção” do aspecto exterior do livro tanto em termos visuais quanto textuais, em termos de uma dada *imagem* do autor, da editora enquanto fiador do autor e do leitor, bem como do tipo de percurso que o livro propõe. (Alerto que não quero dizer com “cuidadosíssima” que o processo de construção dos textos seja completamente consciente).

Assim, a própria organização dos elementos da capa e da contracapa têm um caráter persuasivo, revelando um trabalho de entoação avaliativa voltado para a indução de uma dada responsividade do interlocutor, bem como de uma sutil refutação antecipada de dúvidas e/ou objeções à abordagem proposta.

Não se trata de buscar apenas a *adesão* a determinadas teses (que nos deixaria apenas no aspecto da "construção" retórica), mas de levar o interlocutor a *agir* em termos de um dado percurso com vistas a alcançar um dado fim, caracterizado sempre em termos positivos (o que nos conduz ao aspecto pragmático ativo do discurso).

Trata-se de um discurso programador (Greimas, 1983), aquele que descreve os passos que levam à produção - por meio de um dado agir, da situação x à situação y, e a partir de "ingredientes" dados e de uma "receita" de combinação em etapas desses ingredientes - a um dado "prato", desde sempre suculento, a ser devorado, mas só se for aceito pelo interlocutor o posicionamento que o locutor lhe propõe.

A capa (não considerada isoladamente, ou cairíamos na textualidade e perderíamos de vista a discursividade e a genericidade) oferece elementos para afirmar que o livro é uma espécie de "livro de receitas", um discurso programador, marcado pelo "como fazer", o que os outros segmentos examinados do livro confirmam. Desse modo, a "face" exterior do livro é uma síntese dele próprio, um "microcosmo" do "macrocosmo" livro, e busca dirigir a leitura a um dado rumo compatível com a proposta feita pelo autor.

O *discurso* programador, conforme, por exemplo, alguns livros de auto-ajuda que examinei (Sobral, 2006), requer, de modo geral, o tipo de *texto* "instativo" (instruções a seguir), e é, em geral, parte de *gêneros* em que x detém uma competência a ser transmitida, comumente mediante o simulacro de uma conversa pessoal.

Esses gêneros não pertencem necessariamente a uma só esfera (algo a ser explorado mais amplamente em outros textos), mas a toda e qualquer esfera nas quais seja concebível algum tipo de relação de transmissão de saber e de competência de cunho assimétrico, e que requeiram um agir que vai além do mero ato cognitivo de compreensão.

Logo, trata-se de um indício de que também um dado gênero e uma dada esfera não se acham em correlação necessária, no sentido de relação imutável, apesar da existência de cristalizações históricas no nível dos discursos e dos textos.

4. Do texto ao gênero: algumas conclusões

Venho tentando demonstrar em diversos trabalhos que a designação "gêneros textuais" (Sobral, 2004, 2005 a, b, c), caso se refira apenas ao aspecto lingüístico estrito, não abarca toda a

complexidade do conceito de gênero, que vai naturalmente além do texto *per se*.

Nesse sentido, os chamados "gêneros textuais" poderiam ser melhor entendidos, da perspectiva bakhtiniana de que vem o conceito de gênero, como "tipos de textualização", formas de o gênero propriamente dito assumir expressão lingüística. Estas formas podem ser entendidas como o plano "local", que é sem dúvida vital, mas não adquirem sentido apenas no nível textual estrito.

Elas estão subsumidas aos "gêneros discursivos" propriamente ditos, que constituem o plano "global" que, ao mobilizar um dado discurso, que recorre por definição a essa forma, confere sentido ao discurso. Pode-se talvez dizer que o gênero é o continente do conteúdo que é o texto, já que o gênero incorpora textos e discursos, no âmbito das esferas de atividade, que são um componente essencial do conceito.

Esses elementos me parecem tornar coerente a proposta de diferenciar "gêneros de discurso/discursivos" - como formas de inserção do discurso em "lugares" sócio-históricos - e "gêneros textuais" como formas específicas de materialização de cada inserção específica, sem que haja uma correlação necessária entre um dado tipo de textualização e um dado gênero.

Afirmá-lo não implica negar as cristalizações textuais existentes, que, de tão "naturalizadas", dão a impressão de que a escolha de um gênero é um ato intuitivo que já implica uma dada forma textual. Não estou me opondo ao uso deste ou daquele termo ou expressão, mas argumentando em favor de uma definição mais precisa, porque, a meu ver, a expressão "gênero textual" tem permitido ou autorizado em alguns casos uma compreensão errônea do conceito de discurso e mesmo de gênero.

Isso prejudica a riqueza e virulência desses dois conceitos e, no processo, paradoxalmente, deixa de dar o devido valor às formas textuais, às textualizações, ou às textualidades, de que nenhuma análise de discurso que incorpore a idéia de gênero pode prescindir, sob pena de tornar-se um estudo de práticas sociais em que não há linguagem, nem, por conseguinte, seres humanos.

Creio que isso se deve precisamente ao fato de a redução da idéia de gênero a formas textuais implicar uma separação entre texto e contexto, em vez de reconhecer que essas são instâncias que se pressupõem mutuamente: no estudo da linguagem, não há texto sem contexto nem contexto sem texto.

Além disso, o conceito de gênero permite precisamente explorar de várias maneiras produtivas essa relação de pressuposição mútua. Cabe esclarecer que não digo com isso que não haja ou não deva haver um "trato textual", mas que esse deve estar inserido no "trato genérico".

O texto, retomando o que foi dito, traz potenciais de sentidos, mas estes só são realizados na produção do discurso; o discurso vem de alguém, dirige-se a alguém (ou, como se pode dizer, é “endereçado”), traz em si um tom avaliativo e remete a uma compreensão responsiva ativa – nos termos do gênero no qual se insere mediante sua interpelação pelo discurso.

A análise da capa contribui assim para demonstrar, em termos da proposta de descrição-análise e interpretação, a validade de alguns postulados sobre as relações texto-discurso-gênero (cf. Sobral, 2007, em que essas propostas são apresentadas do ponto de vista teórico, e Sobral, 2006, em que são amplamente desenvolvidas):

- A. O gênero mobiliza formas textuais, que são seu aspecto material, mas não é determinado por elas, e as mobiliza mediante o discurso;
- B. O discurso é o espaço em que são mobilizadas as textualidades de acordo com o gênero a que pertence o discurso; é o mediador entre as necessidades do gênero e as possibilidades textuais;
- C. As formas textuais apontam para o(s) gênero(s) que as mobilizam costumeiramente e, por isso, ao escolher um gênero, costuma-se evocar as formas textuais que uma tradição genérica tornou mais comumente mobilizadas. Mas, nem por isso, pode-se atribuir a uma dada forma textual uma pertinência necessária a um dado gênero, visto que todo gênero é uma permanência no fluxo;
- D. A escolha do gênero depende da relação específica entre os interlocutores nos termos da(s) esfera(s) de atividades e das situações sócio-históricas específicas em que se dá essa relação, e as variações/variantes dessa relação criam/advêm de “intergenericidades” e “interesfericidades”;
- E. É a inserção genérica do discurso que determina a escolha das formas textuais (e, mais do que isso, das próprias palavras). Essas últimas, por conseguinte, podem variar no interior de um mesmo gênero sem por isso alterá-lo substancialmente, dado que é o gênero e o discurso que atribuem sentido ao texto – e não o contrário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: Conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005.
- GREIMAS, A. J. *Du Sens II - Essais Sémiotiques*. Paris: Éditions du Seuil, 1983.
- SOBRAL, A. U. Elementos sobre a formação de gêneros discursivos: a fase “parasitária” de uma vertente do gênero de auto-ajuda. Tese de Doutorado. São Paulo: LAEL/PUC-SP, 2006.

_____. Algumas considerações sobre a apropriação de gêneros por um gênero em formação. Comunicação apresentada ao II SIGET. União da Vitória, 2004.

_____. Bazerman, Gênero e Bakhtin. Mensagem enviada à CVL, 08 de março de 2005a.

In: <http://groups.yahoo.com/group/CVL/message/7407>.

_____. Gêneros discursivos e apropriação do mundo: uma proposta bakhtiniana. Palestra proferida no dia 7 de novembro de 2005b, por ocasião da III Jornada de Letras – Linguagem e Cultura em Diálogo, promovida pela Universidade de Mogi das Cruzes.

_____. Gêneros textuais ou tipos de textualização? Comunicação apresentada ao III SIGET. UFSM, Santa Maria, 2005c.

_____. Um diálogo bakhtiniano com L. A. Marcuschi. Comunicação. IV SIGET. Anais. 2007. Disponível em:

<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/cd/Port/144.pdf>

YOUNG-SOWERS, M. L. *Crise Espiritual: O verdadeiro significado das perdas, das enfermidades e dos sofrimentos da vida*. Tradução de Adail Sobral e Maria Stela Gonçalves. [Edição Original: *Spiritual Crisis – What's Really Behind Loss, Disease, and Life's Major Hurts*, Copyright (c) 1993 Meredith L. Young-Sowers.] São Paulo: Cultrix, 1995.

Recebido em setembro de 2007

Aprovado em junho 2008